

Data: 03/03/2009

Publicação: Gazeta Mercantil (Brasil)

Repórter: Luciano Máximo

AIG TEM MEGAPREJUÍZO E VOLTA A RECEBER AJUDA DO GOVERNO

São Paulo, 3 de Março de 2009 - O governo dos Estados Unidos demonstrou mais uma vez ontem que está disposto a impedir a falência da American International Group (AIG) ao anunciar novo socorro de US\$ 30 bilhões com dinheiro do contribuinte norte-americano para manter a gigante do setor de seguros em operação. O quarto aporte estatal na seguradora em menos de cinco meses coincidiu com a divulgação de prejuízo de US\$ 61,7 bilhões no último trimestre de 2008, o pior resultado corporativo da história dos EUA.

A perda da empresa aumentou em mais de 1.000% em comparação aos últimos três meses de 2007, quando o resultado ficou no vermelho em US\$ 5,2 bilhões. O revés da AIG no ano passado representa praticamente o dobro de toda a movimentação do mercado segurador brasileiro no período (US\$ 31 bilhões) ou ainda uma vez e meia o Produto Interno Bruto (PIB) de Bolívia (US\$ 43,7 bilhões) e Uruguai (US\$ 42,7 bilhões).

No acumulado do ano passado, o resultado negativo beirou a casa dos US\$ 100 bilhões, ante lucro de US\$ 6,2 bilhões no ano anterior. A principal fonte do resultado veio das atividades financeiras, que registraram prejuízo de US\$ 17,9 bilhões no trimestre e US\$ 40,8 bilhões no ano. As operações de seguros gerais tiveram perdas de US\$ 5,3 bilhões em três meses e US\$ 5,7 bilhões no ano.

"O mercado está em uma posição miserável", lamentou o presidente-executivo da companhia, Edward Liddy. Segundo ele, a recuperação da seguradora vai levar "vários anos" mesmo com a série de ajudas do governo norte-americano, que começou em setembro último, no mesmo dia em que o Lehman Brothers sucumbiu à crise.

O primeiro aporte foi um empréstimo de US\$ 60 bilhões, seguido pela aquisição de US\$ 40 bilhões em ações preferenciais; o Federal Reserve (Fed, o BC dos EUA) investiu ainda, em novembro, US\$ 50 bilhões na compra de ativos podres da companhia. As intervenções ao Citigroup e Bank of America foram inferiores, de US\$ 50 bilhões e US\$ 45 bilhões, respectivamente. As medidas transferiram ao Tesouro norte-americano 80% do controle da então segunda maior seguradora privada do mundo.

De acordo com comunicado do Tesouro, o resgate de US\$ 30 bilhões anunciado ontem evita por enquanto qualquer redução da classificação de crédito que poderia forçar a AIG a levantar bilhões de dólares para cumprir obrigações com credores. A seguradora tem lutado para vender operações e levantar capital para pagar dívidas. Uma dessas iniciativas foi vender, por mais de US\$ 800 milhões, parte da sociedade que a seguradora mantinha no País com a Unibanco Seguros e Previdência. A agência de rating Moody's publicou análise ontem, na qual não rebaixa a nota de crédito da AIG, mas mantém perspectiva negativa. O governo norte-americano teme que um eventual calote da AIG possa gerar uma catástrofe no sistema financeiro global. Tesouro e Fed mencionaram as operações da organização em mais de 130 países, seu papel como seguradora de mais de 100 mil empresas, incluindo operações que empregam mais de 100 milhões de norte-americanos, e seus mais de 30 milhões de segurados nos EUA.

O professor da Escola Nacional de Seguros (Funenseg) e **sócio da Correcta Seguros, Gustavo Mello**, diz que a quebra da empresa teria efeitos desastrosos. "A AIG é dona da maior financiadora de aviões (International Lease Finance), controla fundos de investimentos e tem também inúmeros seguros de empresas." Segundo o especialista, "uma enormidade" de contratos de financiamentos e dívidas e apólices seria afetada pela falência. "Isso geraria uma corrida para encontrar uma empresa sólida para sustentar as garantias oferecidas pela AIG. A pergunta é: onde encontrar uma empresa sólida hoje em dia, disposta a dar crédito?", questiona Mello.

O governo também reconheceu que o pacote desta segunda-feira pode não ser o último para a AIG. "Dado risco sistêmico que a AIG continua a apresentar e a fragilidade dos mercados hoje, o custo da falta de ação do governo pode ser extremamente alto."